

## APRESENTAÇÃO

A decisão de dedicar este número ao tema *Cultura e Tradução* é o resultado de uma política editorial da *Graphos* voltada para a atualidade do debate acadêmico; um debate que certamente tende a se fortalecer à medida que pesquisas são realizadas e, sobretudo, partilhadas. É o que ocorreu, por exemplo, quando da realização do *I Encontro Nacional Cultura e Tradução*, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB (set./2009), e em cujo tema este dossiê se inspirou. E para mencionarmos um exemplo claro das possibilidades que se abrem no nosso contexto acadêmico, acabamos de criar, na própria UFPB, o curso de Bacharelado em Tradução. Dessa forma, este número se pretende um testemunho e ao mesmo tempo um marco dessa nova fase de trocas acadêmicas em tradução com outras instituições do país e do exterior, o que, aliás, pode ser percebido numa rápida leitura do sumário deste volume.

A proposta de dossiês temáticos para revistas acadêmicas, ao mesmo tempo em que pressupõe a submissão de determinadas discussões, também deixa margem para surpresas. No caso da presente proposta, recebemos textos com um leque de variedade de abordagens bastante amplo. Podemos considerar, em princípio, que tal variedade reflete o largo escopo em que se pode dar a análise do fenômeno tradutório; um escopo que se expande em proporção ao interesse acadêmico sobre o assunto. Num segundo momento, podemos ressaltar que tal amplitude de abordagens reflete a própria complexidade da noção de tradução, ainda mais (como se não fosse sempre assim) quando atrelada a um fenômeno não menos complexo, o da cultura.

Uma simples consulta ao dicionário demonstra que o termo tradução pode ser considerado equivalente das seguintes noções: “versão”, “transposição”, “interpretação”, “compreensão”, “repercussão”, “explicação”. Tais noções convergem para a constatação de que a tradução constitui um ato de leitura, e, como tal, é guiado por singularidades e escolhas interpretativas que envolvem crenças, conhecimento cultural, conhecimento teórico, ideologias, posicionamentos políticos. Em linhas gerais, o processo tradutório é indissociável de outras concepções relevantes, a exemplo das noções de fidelidade, originalidade, ética, cânone, recepção, políticas de distribuição de bens culturais.

Com efeito, a tradução vista como atividade que vai muito além de uma simples operação de decodificação envolvendo dois idiomas, sendo apreendida num contexto mais amplo de trocas culturais entre nações, vem sendo ultimamente objeto de uma profícua reflexão em diferentes áreas do conhecimento. Desse ponto de vista, a tradução deixa de ser objeto de estudo exclusivo de especialistas da tradutologia – para usarmos o termo cunhado pelo canadense Brian Harris (1973) –, para ter reconhecidas as suas múltiplas facetas enquanto prática social que,

enquanto tal, não pode ser entendida satisfatoriamente se a dissociarmos dos contextos histórico, cultural, político e econômico em que é produzida e onde circula.

O interesse que tem atraído essa área de estudos não é sem relação com a posição preponderante que a tradução ocupa atualmente no espaço das trocas culturais internacionais, estas últimas cada vez mais intensificadas em tempos de mundialização e de liberalização do comércio de bens simbólicos. O aumento exponencial, a partir da década de 1980, da produção mundial de obras traduzidas é um importante indicador dessa nova posição.

Na esfera acadêmica, é também na década de 1980 que os estudos na área passam por uma verdadeira renovação e se consolidam como disciplina independente, sob a denominação de Estudos de Tradução (*Translation Studies*), termo batizado por James Holmes em 1972. A partir dessa nova perspectiva, que resgata elementos da tradição alemã do século XIX, a atividade tradutória deixa de ser vista como um processo neutro envolvendo duas línguas, cujo resultado deveria produzir um texto transparente, sem marcas do texto fonte. A tradução passa a ser percebida enquanto processo de reescrita que envolve estratégias de manipulação (do jogo literário, da legitimação, da fama...), questões de poder (que se pense nas assimetrias que perpassam as trocas culturais e nos fenômenos de hegemonia ou mesmo de dominação de uma língua sobre outras, muitas vezes associados ao domínio político...), ou ainda, para ficar apenas em alguns exemplos, processos de afirmação de identidade nacional (um dos casos mais emblemáticos sendo o papel que a tradução desempenhou na Alemanha do Romantismo).

Prática por meio da qual uma nação afirma sua existência cultural perante as outras, o fenômeno tradutório, como bem sublinha Antoine Berman (*L'épreuve de l'étranger*, 1984), ocupa um lugar ambíguo entre dois movimentos antagônicos de uma cultura: o de resistência etnocêntrica e o de abertura fecunda à cultura do outro, movimentos estes que se desdobram, na vivência da prática do tradutor, numa série de tensões ambivalentes entre fidelidade e traição, autoria e Autoria, escrita e re-escrita, entre outras.

Refletir sobre tais questões, seja de um ponto de vista mais amplo que discuta teoricamente o processo tradutório, seja de um ponto de vista mais específico, debruçando-se sobre a particularidade de estudos de caso, este é o objetivo do presente número.

Neste sentido, os textos acolhidos no presente dossiê dão conta não apenas desta complexidade e variedade, mas acabam por exemplificar a discussão da tradução em níveis diversos. Começamos por sublinhar o nível das micro-análises, que exemplificam a tradução como “operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (língua-fonte) para o equivalente em outra língua (língua-alvo)” (*Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*). Os textos sobre a tradução de “uma canção medieval de mal casada”, de Gilberto Lucena e Luciana Calado Deplagne, e sobre as duas possibilidades de tradução da fala “The seven ages of man” (*As you like it*, William Shakespeare), de Enéias Tavares e Lawrence Flores Pereira, são exemplos relevantes de como as escolhas lexicais

dependem dos contextos culturais que permeiam os textos traduzidos. No presente caso, por tratar-se de textos poéticos, também é determinante a consciência que o tradutor tem sobre a imbricação entre unidade formal e unidade semântica.

Embora também no âmbito da tradução poética, a discussão da tradução, feita por Eirin Mouré, de *O guardador de rebanhos*, de Fernando Pessoa/Alberto Caeiro, e analisada aqui por Albert Braz, chama a atenção para o lado extremo da problemática da tradução – tradução como interferência, transformação, transcriação, ou, o que a própria tradutora e poeta Eirin Mouré denomina “trans-elação”. Aqui, não teríamos apenas a traição, ao modo como o senso comum tende a referir-se à tradução, mas a traição intencional. Diante de tamanha intencionalidade em “corrigir” e modificar aquilo que se traduz, ainda é possível falar em tradução? Em que sentido? Uma questão crucial que o autor do texto, Albert Braz, coloca diz respeito às trocas interculturais que a exposição ao processo tradutório promove. Num caso como esses, como reconhecer Fernando Pessoa/Alberto Caeiro (e os dados culturais e de experiência humana que habitam sua poesia) quando suas marcas (sobretudo aquelas ligadas à religião e à natureza) são apagadas ou substituídas? O que está por trás deste impulso de personificação, que faz o tradutor forçar e impor sua visibilidade e autoria em detrimento do esvanecimento – ou, talvez, apagamento – das do próprio autor traduzido?

Ainda que concordemos com um dos argumentos contundentes mencionados por Moacir Amâncio, em um dos textos, o de que “a tarefa do tradutor não seria montar paredes, mas retirar os tijolos, as pedras de cada parede, abrindo espaços”, é necessário questionar o propósito que rege a tradução, bem como a sua função, sobretudo no contexto das trocas culturais internacionais.

A este propósito, o dossiê traz uma variedade de textos que ressaltam a vinculação entre tradução e questões macro-políticas, tendo em “Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas”, uma amostra significativa da complexidade da questão. Segundo os autores do texto, Johan Heilbron e Gisèle Sapiro, a tradução envolve relações de força entre países, entre línguas consideradas centrais e periféricas, que dão origem a embates de cunho político, econômico e cultural, de modo a influenciar e determinar a produção e circulação das traduções. De fato, o texto sobre a recepção de Machado de Assis na Itália, de autoria de Anna Palma e Andréia Guerini, constitui um exemplo significativo de como a tradução depende da intermediação da crítica e cultura literárias; as autoras defendem o argumento de que a tradução de determinado autor ganha em qualidade de recepção quando acompanhada por material crítico, a exemplo de notas, prefácios, posfácios, textos críticos que alargam a legibilidade do fenômeno tradutório. Outros textos que vinculam tradução literária a questões de poder e exclusão são: “A experiência italiana de Cesare Pavese: questões de tradução literária e literatura comparada”, de Patricia Peterle, e “Saramago, um Kasparov: tradução e xadrez”, de Daniel de Oliveira Gomes.

A função política e o status social e profissional do tradutor também receberam atenção de um dos textos. Algumas das questões colocadas por Denilson Sousa e Viviane Veras são: pode haver diálogo entre o tradutor e o teórico da

tradução? Quão (des)valorizado é o tradutor no campo profissional? O tradutor tem consciência da complexidade de sua atividade? O tradutor se interessa por questões teóricas que possam contribuir com sua prática tradutória?

Os demais textos da Revista – “A *Cosmographia* de Claudius Ptolomaeus”, de Lívia Barreto, “Uma abordagem linguística do texto literário traduzido”, de Giacomo Figueredo e Adriana Pagano, “As viagens haicaísticas de Jack Kerouac”, de José Lira, e “A construção da arte e da cultura contemporânea”, de Marildo Nercolini – também estimularão, cada um a seu modo, o leitor interessado em tradução e cultura. Ainda faz-se necessário ressaltar que o dossiê foi enriquecido por contribuições dos autores quanto ao próprio processo e à prática da tradução. Assim é o caso, por exemplo, de José Lira, tradutor da poesia de Emily Dickinson no Brasil, agora aproximando os leitores da poética haicaísta de Kerouac, oferecendo, ele próprio, as traduções para os haicais do escritor americano. O leitor também perceberá que o texto “Por uma sociologia da tradução” constitui uma tradução do francês, por Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. Tudo isto atesta (para voltarmos ao argumento com que iniciamos este texto) a relevância do presente dossiê quanto à riqueza e diversidade de abordagens, constituindo-se numa contribuição teórico-crítica importante para a área de tradução.

E se, como defende Alberto Manguel, em sua *História da Leitura* (em tradução de Pedro Maia Soares), “traduzir é o ato supremo de compreensão”, continuemos a acreditar nesta prática, seguindo, agora em sentido amplo, as palavras do poeta Ferreira Gullar: “Traduzir uma parte na outra parte, que é uma questão de vida e morte – será arte?”

Genilda Azerêdo  
Marta Pragana Dantas

**CULTURA E TRADUÇÃO - ABORDAGENS  
E PERSPECTIVAS TEÓRICO-CRÍTICAS**

